



Oralidade e Cultura: um contador de histórias na sala de aula

Bianca Farias da Silveira¹

Resumo

O presente artigo relata uma experiência vivenciada em uma escola particular do município de Bayeux – PB, onde atuei como professora do ensino fundamental I durante seis anos consecutivos. Nessa trajetória, observei dois fatores que poderiam estar interferindo negativamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da escola. O primeiro, foi a falta de interesse da maioria dos alunos pelos textos abordados nos livros didáticos, que em boa parte se distanciavam da realidade deles, o que tinha como consequência o “não gostar de ler”. E o segundo fator foi a falta de apreço pela cultura local, expressa em manifestações culturais com representação dos seus vários folguedos populares. Para tentar reverter ou pelo menos amenizar esse quadro, optei por desenvolver o projeto intitulado “*Um contador de histórias na sala de aula: repertório e performance*” em uma sala do 5º ano, onde exerci a função de professora dessa turma até o término do primeiro bimestre, do ano letivo 2007. Para a continuidade do projeto, depois que sai da escola, atuei apenas como pesquisadora, contei com o envolvimento dos alunos, da professora polivalente da sala, e, em especial, a colaboração do contador de histórias, Seu Zé do pandeiro. A pesquisa teve como objetivo geral demonstrar a viabilidade de inserir um contador tradicional de histórias na sala de aula, tendo em vista que os contos populares oferecem alternativas variadas de trabalho, com possibilidades de ampliar ou criar um repertório de narrativas orais, aumentando a percepção dos alunos para os textos orais que circulavam dentro ou fora do espaço escolar. Para embasar o projeto, sobressaiu-se, entre outros, os pressupostos teóricos de Cascudo (1972), Lima (1984), Ong (1998) e Patrini (2005). Essa experiência foi a mola propulsora para a construção da minha dissertação de mestrado, do curso de Linguística da UFPB (2008), abrindo caminhos para novos estudos na área da oralidade e da cultura popular.

Palavras-chave: oralidade ; cultura; contador de histórias; escola

Abstract

This paper reports an experience in a private school in Bayeux - PB, where I worked as an elementary school teacher I for six consecutive years. In this trajectory, observed two factors that could negatively affect the teaching-learning process of the students. The first was the lack of interest of most students the texts discussed in textbooks, which largely distanced themselves from their reality, which as a consequence of the "do not like to read." The second factor was the lack of appreciation for the local culture, expressed in cultural representation with its numerous amusements popular. To try to reverse or at least mitigate this situation , I

chose to develop the project entitled " A storyteller in the classroom : repertoire and performance" in a room of year 5 , which exercised the function of this class teacher until the end of first two months of the school year 2007. For the continuation of the project after leaving school , I worked only as a researcher , told with the involvement of students , the teacher 's multipurpose room , and in particular , the collaboration of the storyteller , Ze tambourine. The research aimed to demonstrate the feasibility of inserting a counter traditional stories in the classroom, in order that the folktales offer varied alternatives work, with opportunities to extend or create a repertoire of oral narratives, increasing the perception of students for oral texts that circulated inside or outside the school environment. To support the project , stood out , among others , the theoretical assumptions of Krab (1972) , Lima (1984) , Ong (1998) and Patrini (2005) . This experience was the springboard for the construction of my dissertation, of course UFPB Linguistics (2008), opening the way for new studies in orality and popular culture.

Keywords: oral ; culture ; storyteller ; school

A cultura popular parece não ser valorizada e nem contemplada no currículo das escolas. O fato de não valorizarem os escritores, poetas, cantadores, contadores de histórias, entre outros artistas populares de uma região, passa a constituir uma lacuna na formação dos alunos.

¹ Doutoranda em Linguística pela UFPB (2013).

Endereço profissional: Escola Municipal Senador Ruy Carneiro. R João de Brito, N° 180, Mandacaru, João Pessoa, PB, Brasil – 58.027-070

e-mail: bia81pb@hotmail.com

Durante seis anos consecutivos trabalhei em uma escola particular como professora do Ensino Fundamental I. No decorrer desse tempo, tive a experiência de ensinar em várias turmas, gerando para mim uma fonte de aprendizagem. Nessa trajetória, observei dois fatores que poderiam estar interferindo negativamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da escola. O primeiro, foi a falta de interesse da maioria dos alunos pelos textos

abordados nos livros didáticos, que em boa parte se distanciam da realidade deles, o que tinha como consequência o “não gostar de ler”. E o segundo fator foi a falta de apreço pela cultura local, expressa em manifestações culturais com representação dos seus vários folguedos populares. É possível que essa falta de reconhecimento da cultura local tenha sido ocasionada por não terem sido trabalhados os seus valores em séries anteriores e até mesmo em situações do dia-dia com a sua família. Para tentar reverter ou pelo menos amenizar esse quadro, optei por desenvolver o projeto intitulado “*Um contador de histórias na sala de aula: repertório e performance*” na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental, onde exerci a função de professora dessa turma até o término do primeiro bimestre, do ano letivo 2007. Na continuidade do projeto, depois que saí da escola, atuei apenas como pesquisadora, contei com o envolvimento do contador de histórias, Seu Zé do pandeiro, da professora polivalente da sala e dos alunos.

Esse projeto assumiu uma grande relevância, pois os contadores de história têm uma real importância no processo de reconhecimento da formação cultural de um povo. A partir dos contos é possível perceber aspectos relacionados aos costumes, crenças, valores etc. Silveira (2004, p. 447) esclarece: “[...] O contar de um povo revela os seus usos e costumes, o seu falar e o seu dizer, o cotidiano e a esperança de um devir, o que percebe como real e como produto da imaginação. A vida expõe-se no ato de contar”.

O conto é atualizado de acordo com os ouvintes, que, como o narrador, participam da história contada no que ela tem de atual, no que ela expõe como inerente ao saber coletivo e do contador em particular. O contador de histórias sustenta a sua narrativa com os aspectos coletados no seu dia-a-dia, como por exemplo, um susto, uma viagem, uma reportagem, uma poesia lida, uma história que alguém lhe contou, tudo pode favorecer a uma boa história. O contador mostra uma capacidade de fazer de sua vida e das experiências do seu povo, instrumento para compor as suas histórias. Benjamim (1994, p.201), explica: “O narrador retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

A falta de oportunidade para expor esses textos pode levar ao esquecimento o acervo de histórias dos contadores, tornando inexequível a ação de contar. As mudanças nas preferências das pessoas no que se refere aos tipos de entretenimento contribuem para essa situação, já que antigamente existia, em maior proporção, grupos fiéis de ouvintes, apreciadores dos contadores de histórias. Ao referir-se aos contadores envolvidos em sua

pesquisa sobre o conto popular no âmbito de uma comunidade narrativa, Lima (1984, p.71) disse que “os informantes queixaram-se da impossibilidade de recordar todas as histórias que foram do seu domínio, por já não as contarem assiduamente, ao mesmo tempo que empreenderam um esforço de buscá-las de novo na memória [...]” Com isso, entende-se que a falta de oportunidade para contar as histórias e o desgaste da memória dos contadores também corroboram para a perda do acervo de textos orais.

[...] Revela-se a preocupação pelo rareamento das oportunidades de contar, pela diminuição do número de pessoas que detêm a capacidade de manejar com maestria um repertório crescente de textos orais, pelo desgaste da memória dos contadores tendo como consequência a perda do acervo oral (SILVEIRA, 2004, p. 447).

Os contos populares oferecem alternativas variadas de trabalho, com possibilidades de ampliar ou criar um repertório de narrativas orais, aumentando a percepção dos alunos para os textos orais que terão contato dentro ou fora da escola.

A pesquisa foi norteada pelos seguintes objetivos:

Geral

- Demonstrar a viabilidade de inserir um contador tradicional de histórias na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental, de uma escola particular, em Bayeux – PB.

Específicos

- Identificar um contador de histórias na comunidade e criar um espaço, na sala de aula, para as suas performances;
- Registrar o repertório do contador, principalmente em situação de performance;
- Transcrever os textos orais do contador;
- Estimular leituras e produções de texto dos alunos a partir das contações de histórias;
- Analisar as performances do contador enquanto conta;
- Possibilitar o desenvolvimento da oralidade das crianças e o surgimento de novos contadores a partir das apresentações em sala de aula.

A sala de aula funcionava no turno da tarde com 29 alunos de classe média - baixa e todos eram moradores da cidade de Bayeux - PB. A idade das crianças variou de nove a onze anos. A maioria deles não respeitava os turnos de fala, todos queriam falar ao mesmo tempo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1997, p.52) “a escuta e demais regras do intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenham função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigências do professor”. Entre as crianças não existia um acordo ou uma colaboração íntima, no que se referia aos turnos de fala. Goffman ressalta:

[...] Uma colaboração íntima deve ser mantida para assegurar que um turno de fala nem se sobreponha ao anterior em demasia, nem careça de um acréscimo conversacional supérfluo, já que o turno de alguém deve estar sempre e exclusivamente em andamento (GOFFMAN, 1998, p.15).

Quando se tratava dos conteúdos escolares, muitos alunos da sala demonstravam timidez para expressar oralmente os seus pensamentos e pontos de vista, assim como fazer apresentações em público. Pouquíssimos eram extrovertidos e interagiam “espontaneamente” com a professora polivalente da sala. Faltava nos alunos a desinibição para expressar-se oralmente, algo a ser aprendido na prática, com o contador. Sem a pretensão de generalizar, eles também pareciam não conhecer as expressões culturais de sua própria região, por isso não a reconheciam como fonte de sabedoria e nem a valorizavam.

Pensando em enriquecer as aulas da sala onde atuei como professora fiz um levantamento, juntamente com os alunos, para encontrar os contadores. Esse levantamento aconteceu por meio de um questionário escrito, que continha questões referentes ao conto e se eles conheciam alguém que gostava de contar histórias. Quando trouxeram essa pesquisa, pude observar quem conhecia as pessoas que contavam histórias. A grande maioria conhecia gente que contava histórias, porém elas diziam não ter disponibilidade para realizar a contação na escola, alegando falta de tempo, vergonha e timidez.

Apoiada nas pesquisas feitas pelos alunos, fiz um convite para eles, mesmo que alguns não pudessem vir por algum motivo. Dos alunos que levaram os convites pouquíssimos trouxeram uma resposta satisfatória, ou seja, dizendo que poderiam ir a escola, marcando o dia e a hora. Dos 29 alunos existentes na sala, apenas 3 trouxeram os convites com as respostas almejadas, marcando dia e hora da vinda do contador para a escola. Mesmo assim insisti com eles todos os dias para que convencessem os contadores a vir até a escola. Percebi

nos olhos e nas ações das crianças a vontade que tinham de trazer um contador para a sala de aula, mas isso fugia do seu alcance. Os alunos já compreendiam como seria bom a presença de um contador de histórias na sala de aula.

Os três contadores encontrados pelos alunos tinham várias atribuições durante o dia, trabalhavam, estudavam, participavam de eventos sociais e religiosos. Eles eram contadores de histórias eventuais, gostavam de contar histórias quando alguém lhes pedia, não faziam isso frequentemente e não tinham a contação de histórias como profissão. Eles aprenderam as poucas histórias que contaram através dos livros, como fazem a grande maioria dos novos contadores, que conhece os contos da tradição oral através da língua escrita. Sua fonte é a biblioteca. Os novos contadores trabalham uma matéria oral secundária, ou seja, lidam com uma matéria marcada pela escrita. Diferentemente dos antigos contadores que usavam uma língua oral primária. Entendida por Ong (1998, p. 19) como: “[...] a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão [...]”.

Existia no planejamento semanal das aulas, um dia para realizar atividades com o contador de histórias. Esse dia era a sexta-feira, das quinze às dezessete horas. Não posso omitir o fato de que muitas vezes não consegui a presença do contador durante a semana, principalmente quando estava tentando incluir na sala de aula os contadores encontrados na pesquisa dos alunos, devido às suas atribuições diárias.

Preocupada com o andamento do projeto, devido à ausência dos contadores eventuais, encontrados pelos alunos, nos dias marcados para a contação na sala de aula, continuei procurando incessantemente um contador de histórias reconhecido pelo povo. Nessa busca, encontrei o contador de histórias José Pereira da Silva, mais conhecido como Seu Zé do pandeiro. Ele não tinha sido apontado como um contador na pesquisa dos alunos, talvez isso tenha acontecido porque ele morava em um bairro distante da escola.

Logo que soube que Seu Zé era um contador de histórias, me aproximei dele e a partir desse dia, tentei conquistar a confiança desse contador para que pudesse dar continuidade as atividades de contação de histórias na sala de aula, como estava especificado no projeto. Percebi que Seu Zé ficou muito feliz em encontrar uma pessoa que se interessasse e que abrisse espaço para ele contar as suas narrativas. Pois, para um contador, esse momento de comunicação e de reconhecimento da sua arte gera muito prazer.

Essa felicidade explicitada por Seu Zé, só veio a comprovar os estudos de Patrini (2005, p.108): “Entretanto, mesmo se tratando de um contador tradicional, não podemos descartar a

noção de jogo, pois no que se refere a arte de contar, algo sempre será compartilhado com um público [...].”

Para a autora, o contador é consciente de que precisa de um público para prestigiá-lo. Ele necessita de um público para interagir consigo. Para ele, é importante ser reconhecido pelas pessoas. Seu Zé demonstra amor pelo ofício da contação. Lima (1984) fundamenta a reação de Seu Zé e corrobora com Patrini (2005) quando declara:

[...] na prática de contar histórias é fundamental para o contador o amor ao ofício, marca de sua verdade; que este ofício melhor pode exercer-se num ambiente próprio, compreendido aqui como possibilidade receptiva de uma linguagem; que uma noção quanto ao valor desta prática é incorporada pelo contador de histórias, enquanto portador e intérprete reconhecido de um dado saber; que é evidente que a felicidade de uma memória só se sustenta na medida mesma do seu requisito prático; e, sobretudo, que esta prática só tem sentido e só se torna viável em relação imediata e direta com a existência de um público real (LIMA, 1985, p. 23).

Logo no primeiro contato que mantive com o contador, ele demonstrou interesse em fazer as suas performances na sala de aula. Em contrapartida, percebi um interesse por trás disso, ele queria ter o seu trabalho reconhecido de alguma forma. Seu Zé foi bem claro em suas intenções quando falou: “Eu não tenho um patrocínio de um disco. Eu não tenho um patrocínio comigo, mas graças a Deus, parece que eu arrumei uma pessoa que vai me ajudar”. Seu Zé gostaria de gravar um CD para registrar a sua arte. Quando ele mencionou a gravação do CD não se referiu as histórias que conta, mas as emboladas que bate e os forrós que compõe e canta. “Bianca nós vamos ficar ricos com o CD de música que eu sei fazer. Eu tenho certeza, vai vender como água”. Quando Seu Zé percebeu que o meu interesse maior era nas histórias que ele contava, tratou de enfatizar que sabia muitas histórias bonitas. Na verdade, ele viu em mim uma oportunidade para divulgar a sua arte e ficar mais conhecido pelo povo. Já faz muito tempo que o contador atua publicamente, em festas de aniversários, casamentos, forrós e festivais culturais, onde divulga a sua arte. Mas essas participações ainda não foram suficientes para completá-lo, ele queria muito mais.

Mesmo os contadores que se dizem ‘tradicionalistas’ fazem esforços para publicarem seu repertório, com o objetivo de conservá-lo. Alguns desses contadores participam de festivais de contos onde divulgam seus textos a um novo público mas também aos seus pares que, por sua vez, poderão incluí-lo em seu repertório (PATRINI, 2005, p. 185).

O que ele não sabia, é que a minha alegria foi muito maior em encontrar um contador tradicional, que tem “narrativas orais” correndo em suas veias, inserido numa sociedade

letrada onde quase tudo gira em torno da escrita e das tecnologias da informação e da comunicação. Entende-se por contador tradicional aquele detentor de um saber, provindo, principalmente, da oralidade, papel social definido na comunidade na qual participa e que tem os textos orais na memória. Geralmente ele aprende as suas histórias ouvindo de outras pessoas, interagindo com textos que são passados de geração para geração. Ele tem em sua memória um repertório de textos orais, esperando para serem compartilhados com os ouvintes, pois ele tem a consciência da necessidade de um público presente para interagir consigo. O contador precisa da forte presença de um olhar, de um ouvinte.

A personalidade do narrador se afirma e se alarga na hora de contar. Mas não pode separar o conto do narrador, do seu universo e do seu público. Mesmo a eleição do repertório e o jeito como é transmitido se define junto ao público. Os recursos mímicos, as inflexões, o traço de humor, a ênfase normativa, as sugestões de mistério ou a suspensão narrativa são efeitos da técnica e da versatilidade do contador. No entanto, sua oportunidade, pontuação e eficácia orientam-se através e em função de uma escuta participante. Não falará o conto se não houver um meio que o solicite. E se é para este meio que se dirige, só falará *bem* enquanto integrar a sua experiência cotidiana, religando-a às fronteiras da grande memória: a memória da tradição. (LIMA, 1984, p. 47).

Como Seu Zé é um contador tradicional e apresentou disponibilidade para realizar as suas performances na sala de aula, por ser um homem já aposentado, viver do jogo do bicho e de apresentações em festas populares, optei por desenvolver as contações apenas com ele. Nós tivemos um encontro por semana, totalizando 8 encontros de pura descontração, aprendizagem e valorização da arte do contador. O desenvolvimento dessa pesquisa só foi possível por ter conhecido Seu Zé, um homem simples e habilidoso na arte de contar.

No decorrer das oito sessões que o contador realizou na sala de aula, ao contar algumas histórias, ele enfatizou primeiramente, a importância do ouvir para aprender a contar as narrativas. Seu Zé deixou transparecer que esse momento destinado à contação proporcionaria prazer e aprendizagem às crianças. Porém, para que isso acontecesse, eles deveriam aprender a ouvir. Pude perceber a primeira lição que o contador deu às crianças quando as interrogou, do seu jeito simples, sobre a necessidade do falar e do ouvir: “Gente, nós temos quantos ouvidos? E quantas bocas? Então temos que ouvir mais e falar menos”. O fato de o contador estar na escola com o tempo determinado de um semestre letivo, fez com que ele projetasse a sua atuação *lúdico-pedagógica*, selecionando os textos, na medida do possível, com a finalidade de desenvolver um bom trabalho na sala de aula. Os PCN de Língua Portuguesa fundamentam a ação de seu Zé:

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter em boas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral: atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas [...] (PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.49).

Posso afirmar que foi essa atuação lúdico-pedagógica realizada pelo contador de histórias na sala de aula, o diferencial que motivou os alunos a participarem ativamente das contações, interagindo com Seu Zé constantemente. Com isso, coloco em evidência a necessidade de implantar na escola aulas que contemplem o lúdico, de forma que professores e alunos se encontrem prazerosamente comprometidos e focados no que concerne ao aprender-ensinar.

Conforme conceituado por Ferreira (2000, p. 433) entende-se como lúdico tudo aquilo que é “relativo a jogos, brinquedos e divertimentos.” Ao acreditar que a contação de histórias na sala de aula, proporciona momentos significativos de aprendizagem, prazer e divertimento a classifico como uma atividade lúdica que torna o processo educativo mais significativo e agradável.

Durante as performances que o contador de histórias realizou na sala de aula, ele buscou adaptar os textos ao público escolar e teve uma preocupação constante com o entendimento dos alunos. Frases do tipo: Vocês estão entendendo? E vocês sabem o que é isso? Eram constantes nas suas performances. Algumas vezes as narrativas foram interrompidas para o contador explicar uma palavra ou expressão que não fazia parte da vivência dos alunos.

Ao escolher o seu repertório de textos, o contador levou em consideração a faixa etária dos alunos. “Selecionou textos que não fossem muito “pesados” para as crianças, segundo o que ele próprio entendia como tal. “Eu me lembrei de uma história agora, mas não posso contar para vocês não, é muito pesada, vocês não podem saber disso agora não.” Quando ele falou isso, aguçou nos alunos a vontade de ouvir tal história . Confirmando aquela máxima: “o que é proibido é mais gostoso!” As crianças insistiram para que Seu Zé contasse a história “pesada”, mas, rapidamente, com o seu jogo de palavras ele a substituiu por outra, sem que os alunos percebessem.

Além da faixa etária, ele também utilizou como critério na escolha do seu repertório os textos que pudessem ensinar alguma coisa, já que ele estava em um ambiente escolar. Era

visível o seu interesse em colaborar com a formação dos alunos. O contador buscou desenvolver nas crianças a aptidão para contar histórias. Como ele aprendeu as narrativas que hoje reconta, só ouvindo, percebeu que poderia despertar nos alunos essa mesma habilidade. Antes de contar uma história ele sempre dizia: “Essa história é muito bonita! Prestem atenção que vocês vão poder contar para os seu pais e para os amigos de vocês”.

Nas duas primeiras sessões apresentadas na sala de aula pelo contador, foram exploradas apenas as suas emboladas e forrós, que, segundo ele, é de sua própria autoria. Durante essas apresentações, Seu Zé ficou em pé com o pandeiro na mão e fez questão que os alunos também ficassem em pé e organizados em um semi-círculo, de forma que todos pudessem vê-lo no centro da sala de aula. À medida que ele ia cantando, também ia marcando em seu pandeiro os ritmos que queria. Seu Zé conseguiu envolver os alunos de tal forma, que durante o intervalo da escola, os alunos repetiam as emboladas, criavam as suas e faziam uma espécie de paródia de outras músicas. Eles procuravam imitar o contador e cantador utilizando e improvisando os objetos que encontravam como se fosse um pandeiro.

Em uma conversa informal com o contador procurei saber porque ele não contou nenhuma história nas duas primeiras sessões e ele muito seguro de si falou: “Ainda não é o momento, os alunos não estão preparados para ouvir e as emboladas vão fazer com que isso aconteça. Primeiro eles tem que confiar em mim.” A partir dos esclarecimentos do contador, pude entender que ele precisava conquistar a confiança dos alunos e fazer-lhes entender que a disposição para ouvir era a primeira lição que ele estava dando. Nas duas primeiras sessões o contador estava preparando o terreno para a contação. Como ele ainda não conhecia muito bem os alunos, precisou de um tempo para perceber o que chamava a atenção das crianças, ou seja, de que tipo de histórias eles gostavam.

As performances do contador, enquanto estava entoando as emboladas e os forrós, envolviam os alunos. Ele fazia uma apresentação e depois ensinava as crianças como cantá-las. Ora ele iniciava e os alunos terminavam, ora eles cantavam juntos. Foi uma grande festa na sala de aula, pois os alunos cantavam, dançavam e batiam com os dedos em algum objeto simulando um pandeiro.

Na terceira sessão de apresentações na sala de aula, ele começou a sua performance ensinando para os alunos uma reza cantada, um bendito, segundo as suas palavras. Na concepção de Cascudo (1972, p. 154) o bendito pode ser definido como “canto religioso com

que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra bendito, iniciando o canto, uníssono”. Antes de fazê-lo, ele justificou que era para os alunos se pegarem com Jesus Cristo em todas as coisas que eles fossem fazer, porque tudo dá certo com a sua ajuda. Não existiria momento melhor para falar da habilidade de Seu Zé com as rezas. Ele não ensinou o que sabia sobre elas para as crianças porque eles ainda não tinham maturidade para aprendê-las. “Eu sei de muitas rezas, mas não posso dizer a vocês hoje não, porque vocês são muito pequenos ainda, mas quando vocês forem grandes, homem e mulher feitos vão ter que saber para fazer as coisas”. Depois do bendito “Menino Jesus” ele prosseguiu falando de Jesus Cristo e Satanás. “Jesus Cristo sabe dos nossos pensamentos e dos nossos corações, mas Satanás só sabe das nossas palavras, ele não tem o poder de ouvir o que a gente pensa, por isso temos que ter cuidado com o que a gente fala.” Essa conversa com o contador repercutiu positivamente na vida dos alunos. Conforme o relato da professora, quando uma criança se desentendia com outra e falava algo que não devia, imediatamente algum colega da sala já lembrava dos ensinamentos de Seu Zé e falava que Satanás ficava feliz com o que ele falou para o colega. Aos poucos, foram diminuindo os palavrões e os xingamentos entre eles.

Na quarta sessão de apresentações, o contador começou a contar histórias curtas, assim denominadas por ele. Eram anedotas e histórias com ensinamentos. Segundo o contador elas eram de mais fácil memorização para os alunos. Durante as suas performances ele costumava bater no pandeiro no intervalo de uma história para outra e até mesmo em um dado momento da narrativa onde havia o suspense, o medo e a dúvida. Era como se esse gesto lhe fizesse lembrar das histórias, da seqüência dos acontecimentos. Funcionava como uma forma de chamar a atenção dos alunos. O contador também gesticulava muito com os braços e com as mãos, modulava os tons de sua voz e o seu olhar parecia falar com cada ouvinte que ali estava. As crianças, por sua vez, ficavam perplexas e boquiabertas, como se estivessem hipnotizadas com as coisas que o contador falava e fazia. Durante todas as contações, Seu Zé permaneceu sentado em uma cadeira que ele fazia questão de colocar de frente para os alunos, que ficavam sentados no chão ou nas carteiras da sala, organizadas em semi-círculos.

Da quinta sessão em diante, ele optou por contar os contos mais longos, mais bonitos, como ele dizia. Ao terminar as narrativas Seu Zé procurava sondar dos alunos o que eles captaram da história. Com essa metodologia utilizada, era quase impossível de os alunos não entenderem a história, pois se eles não tivessem compreendido muito bem na hora da

contação, eles tinham uma nova oportunidade para escutá-la novamente, segundo os seus colegas da sala. Mesmo a história sendo longa, na opinião do contador, os alunos sempre queriam que Seu Zé contasse mais uma.

Depois da quinta sessão, a maioria dos alunos já tinham sido “tocados pela magia do conto”, eles já entendiam que os textos orais contados por Seu Zé faziam parte de sua cultura. Uma forma de demonstrar interesse pelos contos foi quando eles começaram a querer expor as histórias que estavam aprendendo na sala de aula e quando passaram a buscar de pessoas mais velhas histórias que eles conheciam, com a finalidade de contar as narrativas na classe. Seu Zé abria espaço para que os alunos contassem as histórias que sabiam. Quando ele terminava uma história longa, como ele mesmo classificava, preocupava-se em saber dos alunos se alguém já tinha ouvido uma história parecida e era nesse momento que o contador incentivava a exposição dos alunos. O contador também parecia preocupar-se com as performances das crianças. Ele tinha a intenção de fazê-las compreender que sempre poderiam melhorar na hora da contação, bastava mergulhar dentro dela, observar todos os detalhes importantes que tem na história e tentar representar com o seu corpo. “Se vocês quiserem contar uma história bem direitinho, não pode ter vergonha, tem que mostrar as coisas que aconteceram na história com a sua voz, com os seus olhos, com os seus braços, com tudo que você quiser.”

O contador também frisou que para alguém contar uma história com desenvoltura, precisa levar em consideração duas coisas: gostar da história e se identificar com ela. Os textos apresentados por Seu Zé na sala de aula motivaram os alunos a buscarem outras narrativas orais na comunidade onde moram e a suas performances serviram como referência para as crianças contarem os novos textos aprendidos com seus parentes, vizinhos e amigos.

Considerações finais

Os contadores de histórias de uma região são extremamente importantes no processo de reconhecimento da formação cultural de um povo. Ele sustenta a sua narrativa com aspectos coletados no seu dia-dia, ou seja, tudo pode favorecer uma boa história. O contador demonstra a sua arte em fazer de sua vida e das experiências do seu povo material para compor as suas histórias. O contador tem em sua memória, um repertório de textos orais esperando para serem compartilhados com o seu público.

Os contadores tradicionais não deixaram de existir, no entanto, são raras as oportunidades que eles têm para mostrar a sua arte no mundo atual, devido às mudanças nas preferências das pessoas, no que concerne aos tipos de entretenimento.

Ao abrir um espaço na sala de aula para as apresentações de um contador tradicional de histórias, tornou-se possível o reconhecimento de sua arte, a valorização da cultura local e o provável surgimento de novos contadores de histórias.

O repertório e as performances de Seu Zé, na sala de aula, durante as oito sessões de contação de histórias, contemplaram o lúdico, de forma que a professora polivalente e os alunos vivenciaram as performances, conheceram alguns contos que circulavam na cidade de Bayeux- PB e reconheceram que também podem contar. Todos estiveram comprometidos e focados no que se referia ao aprender-ensinar.

De acordo com o relato da professora e das observações feitas em sala de aula, pode-se concluir que o processo de desenvolvimento dos alunos na sala de aula apresentou duas fases marcantes: *antes* e *depois* das sessões de contação de histórias realizadas por Seu Zé.

Perfil dos alunos *antes* das apresentações de Seu Zé na sala de aula:

- Tinham vergonha de fazer apresentações em público, fosse para uma explicação de um conteúdo aprendido na sala ou para a apresentação em uma festinha promovida pela escola;
- Não percebiam a importância da oralidade para aprender as coisas;
- Não gostavam de ler a maioria dos textos trazidos no livro didático e não percebiam que existiam outras fontes de aprendizagem;
- Apresentavam dificuldades em criar textos orais e escritos;
- Não reconheciam os contos nem os contadores como parte integrante de sua cultura.

Perfil dos alunos *depois* das sessões de contação de histórias na sala de aula:

- Eles se expressam oralmente com maior fluência e desinibição;
- Apresentam desenvoltura na hora de falar em público;

- Utilizam o repertório de textos de Seu Zé como fonte de aprendizagem, seja ela conceitual, procedimental ou atitudinal;
- Apresentam estímulos para ler as diversas narrativas trazidas no livro didático com a finalidade de aprender a contar as histórias;
- São criativos ao produzir textos orais e escritos;
- Distinguem os tipos de linguagem e respeitam a variação;
- Valorizam a sabedoria do contador e a sua importância para a cultura regional, visto que antes pareciam não conhecê-la.
- Familiarizaram-se com as narrativas que circulam na comunidade onde moram.

Em suma, torna-se indispensável reconhecer no contador de histórias a presença de uma sabedoria viva, pois, assim, será possível descobrir os benefícios da atuação dele dentro da sala de aula.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura (Trad.Sérgio Romanet) SP: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Vol. 2. Brasília: MEC, 1997.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição, ANJOS, Margarida dos, FERREIRA, Marina Baird; lexicografia, ANJOS, Margarida dos et al. 4 ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

LIMA, Francisco Assis de Sousa; Prefácio de Antonio Candido. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2. ed. São Paulo/Recife: Terceira Margem/Massangana, 1984.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra**; (Trad. Enid Abreu Dobransky). São Paulo: Papyrus, 1998.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVEIRA, Maria Claurênia A. Contadores de histórias: tradição e cotidiano. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et.al. **Estudos em Literatura Popular**. Edição comemorativa dos 25 anos do PPLP. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2004.